

Essa pesquisa trata de autotradução. Nossa hipótese é de que a autotradução faz parte do processo tradutório, pois a entendemos como uma marca de subjetividade: aquele que escreve sempre diz de si. O referencial teórico mobilizado é da Linguística da Enunciação, de Émile Benveniste. Significa entender que a língua está submetida à enunciação e que toda a vez que o locutor faz uso da palavra, apropria-se dos recursos linguísticos disponíveis no sistema, organizando-os sintaticamente e produzindo sentidos sempre novos. A imagem decorrente dessa relação é de um sujeito presente em todas as instâncias da língua, marcado em sua própria estrutura, através do aparelho formal de enunciação. A metodologia utilizada procura construir recursos de análise de textos traduzidos pelo próprio autor comparados com textos traduzidos por profissionais diferentes. Inicialmente, devem ser considerados alguns aspectos: analisar um *corpus*, em Enunciação, não se equaciona a elaborar uma análise onde os dados formem um todo, através do qual se possa obter médias ou quantificações; tampouco pode-se tratá-los como um conjunto de dados imersos numa homogeneidade. Antes, a análise de um *corpus* comprometida com a teoria aqui mobilizada não é senão a análise de um *conjunto de fatos, abertos a (diferentes) interpretações*. Os resultados preliminares apontam para a presença de subjetividade em qualquer tradução. A conclusão sugere que a análise da diversidade dos sentidos oriundos das condições de enunciação auxilia na leitura e no processo de tradução dos textos.